



3786 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Mirtes Aparecida Almeida Sousa - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Dorivaldo Alves Salustiano - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Resumo

Compreender as concepções docentes sobre diversidade cultural é um desafio para pesquisa educacional contemporânea. Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre concepções e práticas de professoras do ensino fundamental acerca deste tema. Os dados evidenciam que embora a diversidade cultural seja vista como importante para formação da população brasileira, prevalece uma concepção celebratória, marcada pela ausência da compreensão de seus condicionantes sociais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: Diversidade cultural – concepções docentes – ensino fundamental.

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Resumo

Compreender as concepções docentes sobre diversidade cultural é um desafio para pesquisa educacional contemporânea. Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre concepções e práticas de professoras do ensino fundamental acerca deste tema. Os dados evidenciam que embora a diversidade cultural seja vista como importante para formação da população brasileira, prevalece uma concepção celebratória, marcada pela ausência da compreensão de seus condicionantes sociais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: Diversidade cultural – concepções docentes – ensino fundamental.

Introdução

Este estudo faz parte de uma pesquisa do Mestrado Acadêmico em Educação, realizada com o objetivo de conhecer as concepções e práticas de diversidade de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública. O artigo analisa a compreensão que as docentes apresentaram sobre a diversidade cultural de acordo com suas vivências em sala de aula.

A pesquisa qualitativa (MINAYO, 1998) foi conduzida com base em uma amostra intencional composta por quatro professoras, uma de cada turma do 2º ao 5º anos do ensino fundamental (EF), aqui identificadas com pseudônimos por elas escolhidos. O projeto de pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil e obteve aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados analisados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas (MOREIRA e CALEFFE, 2008) e observações de aulas, registradas num diário de campo. Para realizar a análise dos dados utilizamos a técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2009).

A emergência dos estudos sobre a diversidade cultural na educação

Segundo Ferreira (2015, p. 300) “a emergência do termo diversidade e seu uso crescente e continuado em várias áreas de conhecimento e segmentos sociais constituem um fenômeno mundial, não apenas circunscrito à realidade brasileira”. Nas últimas décadas, os estudos sobre a diversidade ganham cada vez mais relevância na educação, em consequência tanto do debate acadêmico quanto das lutas por transformações no tratamento dado aos sujeitos diversos.

Gomes (2003), ao estudar a diversidade cultural na sociedade brasileira, chama a atenção para a necessidade de um posicionamento político crítico. O Brasil é um país de dimensões continentais, rico em expressões de diversidade, marcado por desigualdades econômicas e sociais, dimensões que não podem ser obscurecidas quando tratamos de diversidade. Nesse sentido, a educação formal tem papel fundamental no entendimento da constituição de nossa diversidade cultural.

De acordo com a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, no Artigo 2º – “em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver” (UNESCO, 2002). Assim definida, a diversidade cultural pressupõe e expressa uma perspectiva conciliadora acerca das posições e diferenças identitárias dos sujeitos sociais, assim como os demais organismos internacionais defendem. Neste sentido, enfatizam-se a harmonia e a positividade da convivência entre diferentes grupos de identidades culturais.

Na ótica de organismos internacionais, como a UNESCO, a ênfase em uma compreensão apaziguadora da diversidade tende a camuflar as desigualdades sociais e econômicas entre os povos e entre grupos identitários de uma mesma nação. Sendo assim, confere-se maior relevância às questões de identidade cultural e os discursos predominantes enfatizam a tolerância, a aceitação e o respeito entre as pessoas. Essa perspectiva conciliadora e celebratória da diversidade cultural têm influenciado muito a política educacional do Ministério da Educação e conseqüentemente chega às escolas públicas de todo o Brasil.

Dentro de uma perspectiva mais crítica, Candau (2012) discute as diferenças culturais e a interculturalidade sublinhando a importância da compreensão das diferenças, afirmando que “as problemáticas são múltiplas, visibilizadas especialmente pelos movimentos sociais que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural” (2012, p. 236).

Candau destaca as questões de desigualdade que fazem parte do contexto cultural brasileiro e que nem sempre são de fácil conciliação, pois estão relacionadas a questões de poder. A posição da autora se contrapõe a perspectiva harmônica da UNESCO, pois ela entende que a diversidade cultural brasileira faz parte de um contexto complexo que envolve as reivindicações de grupos identitários que foram invisibilizados e excluídos da sociedade.

As concepções e práticas docentes sobre a diversidade cultural na escola

Os dados aqui analisados foram extraídos de entrevistas e observações de aulas realizadas no 3º bimestre do ano letivo de 2017, no qual os conteúdos curriculares foram articulados no eixo temático diversidade cultural. Esta condição torna mais propícia a compreensão das concepções das professoras sobre o tema, conforme expressas na prática pedagógica desenvolvida em sala de aula. Vejamos as principais concepções extraídas com base nesses dados.

A professora Bianca, do 2º ano, menciona o tema diversidade cultural associada às culturas afro e indígena, enquanto conteúdos obrigatórios. Em sua entrevista ela relatou que

a questão da cultura afro, da cultura indígena, que são coisas que a gente sabe que são temas que têm que trabalhar, temos que integrar em nossa sala de aula. Então essa é uma das questões que vem sendo muito discutida para que a gente resgate dentro de sala de aula, tanto da cultura afro, quanto a cultura indígena. (Bianca, professora do 2º ano, em entrevista realizada em 16/08/2017).

No período em que observamos as aulas dessa professora, percebemos que ela trabalhou a temática “plantas medicinais” e mencionou que o hábito de fazer chás vem das culturas indígena e africana. A opinião e as ações dessa professora parecem indicar uma noção de cultura como algo utilitário e externo ao sujeito, como um saber do qual o sujeito é portador e pode transmitir a outros indivíduos sem que haja identificação com ele. O diverso é o outro, negro ou índio, o que parece tomar como referência e parâmetro de comparação o próprio lugar de quem fala e seu ponto de vista. Assim, não se considera as relações de poder e exploração, as lutas por afirmação e reconhecimento de sua identidade cultural.

A professora do 3º ano, Lis, comentou a inserção da temática diversidade no currículo escolar afirmando que

não deveria ficar assim, num tema para um bimestre. [...] Eu gostaria que fosse pra cada bimestre, tivesse um tema de diversidade: primeiro bimestre você trabalharia a diversidade cultural, que é pras crianças entenderem que a gente vem construído a partir de um conjunto de três sujeitos: o europeu, o branco, o negro e o indígena. [...] Depois a gente trabalha a diversidade religiosa, a diversidade cultural, a gente poderia trabalhar as danças, os ritmos, as comidas, o artesanato que é muita coisa. (Lis, professora do 3º ano, em entrevista realizada em 09/08/2017).

De acordo com o pensamento de Lis, a diversidade cultural é um tema tão importante que não deveria ser reduzido a um único bimestre. Ela expressou sua opinião afirmando que todo o trabalho deveria partir do entendimento de que o povo brasileiro foi construído a partir do branco, do negro e do indígena. Há uma noção folclórica de diversidade ao exemplificar os aspectos culturais por meio das comidas, danças e o artesanato, não havendo ênfase nos sujeitos, na identidade, no direito, nas relações de poder e na desigualdade.

Ressaltamos que no período de observação, a maioria das aulas teve como tema “O Folclore”, já que estávamos no mês de agosto, seguindo uma tradição muito presente na escola. A professora lembrava aos alunos que estavam estudando o tema “Diversidade Cultural” no 3º bimestre e destacava que o folclore fazia parte do saber e da cultura popular. Sendo assim, a diversidade apareceu dentro de uma visão cultural folclórica.

Em relação à superação da visão folclórica sobre a diversidade, Canen (2000, p. 136 - 137) afirma que:

A perspectiva intercultural crítica busca superar visões “exóticas” e “folclóricas” da diversidade cultural, que a reduzem a aspectos tais como rituais, receitas e costumes de povos diversos. A partir do paradigma da teoria crítica, essa perspectiva questiona as relações de poder que legitimam certas culturas em detrimento de outras. Nesse sentido, parte da relevância de se promoverem práticas pedagógico-curriculares que problematizem a construção das diferenças e que desafiem preconceitos relacionados àqueles considerados “diferentes”.

Compreendemos a relevância da argumentação de Canen (2000) para promover a superação da visão folclórica da diversidade cultural. Dentro de uma visão crítica não podemos reduzir a diversidade a momentos de manifestações folclóricas. Entretanto, de acordo com a professora Lis percebemos que a ênfase cultural folclórica é muito forte nas práticas escolares. Portanto, não há muitos questionamentos sobre as relações de poder e ainda estamos distante de um trabalho pedagógico numa perspectiva intercultural crítica.

A professora Pérola, do 4º ano, não se refere a diversidade cultural na sua entrevista. Entretanto, nas aulas observadas, recorreu ao folclore para contextualização do tema, a exemplo da aula em que leu a lenda “Negrinho do Pastoreio” como pretexto para discutir o tema da escravidão negra, que estava sendo estudada na disciplina de história.

A professora instigou os alunos a visualizar semelhanças entre a lenda e a escravidão dos africanos pelos portugueses. A condição de escravo do negro foi ressaltada dentro da lenda folclórica e durante a aula a professora fez um esforço para explicar as condições desumanas a que os escravos eram submetidos, encorajando os alunos a um olhar crítico sobre as desigualdades produzidas pela

escravidão. Portanto, destacamos que houve uma preocupação em refletir sobre a escravidão como forma de exploração humana. A docente enfatizou que até hoje há discriminações e preconceitos em relação às expressões da diversidade cultural afro-brasileira em nossa sociedade (GOMES, 2012).

Já a professora Cíntia, do 5º ano, quando perguntada sobre como a diversidade se faz presente em sua sala de aula, afirmou que “*através de todos os conteúdos, abordagens que fazemos no nosso dia a dia com esses alunos, respeitando [...] a bagagem cultural que cada um traz consigo*”. De acordo com o pensamento dela, a bagagem cultural do aluno deve ser respeitada, pois cada aluno possui uma cultura e os conteúdos fazem sentido quando são abordados levando em consideração seu pertencimento a essa cultura.

Nas aulas observadas foram trabalhados principalmente os seguintes conteúdos: a diversidade cultural das regiões brasileiras, religião e cultura, lendas folclóricas, provérbios populares, contribuições dos índios para a diversidade cultural brasileira e populações indígenas no Brasil. Na maioria das aulas observadas os aspectos característicos da diversidade cultural brasileira foram identificados como diferenças do outro em relação a um eu tomado como referência, não sendo esta relação problematizada. Portanto, pelo o que foi presenciado nas aulas da professora Cíntia, havia uma abordagem superficial dos problemas relacionados à diversidade cultural e, portanto, um silenciamento da importância da dimensão identitária e das relações de poder que envolvem os sujeitos diversos (ARROYO, 2014).

Conclusões

A diversidade cultural foi trabalhada pelas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, predominantemente, com base nos conteúdos curriculares da cultura afro-brasileira e indígena e também associada ao folclore, que é muito presente na tradição escolar. A temática foi apresentada aos alunos como importante para ser estudada para a compreensão da formação da população do nosso país. A concepção celebratória da diversidade, com destaque para a convivência harmônica entre as diferentes culturas é predominante na sala de aula. Evidencia-se a ausência de problematizações e críticas mais profundas das questões sociais, políticas e econômicas que estão relacionadas à diversidade cultural dos sujeitos diversos.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Educação & Sociedade**, Campinas, jan.-mar. 2012, v. 33, n. 118, p. 235-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf> Acesso em: 20 set. 2016.

CANEN, Ana. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. **Cadernos de Pesquisa**. [online]. 2000, n.111, pp.135-149. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n111/n111a07.pdf> . Acesso em: 20 out. 2016.

FERREIRA, Windiz Brazão. **O conceito de diversidade no BNCC**: relações de poder e interesses ocultos. In: Retratos da escola, v.9, n.17, julho/dez. 2015. – Brasília: CNTE, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade étnico-cultural. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Diversidade na educação**: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003. p. 68-76.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Revista Educação & Sociedade**. vol.33 no.120, Campinas jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf>. Acesso em: 14 de set. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOREIRA, Herivelto e CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Paris: UNESCO. 2002.